



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10315 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

A POTÊNCIA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA/NA PEDAGOGIA DO CARNAVAL

Patrícia Raquel Baroni - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ilana Maria Bittencourt Martins - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

A POTÊNCIA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA/NA PEDAGOGIA DO CARNAVAL

Resumo

Esta pesquisa se dedicou a investigar a potência das práticas educativas atravessadas pelo carnaval em uma escola localizada no bairro Jardim América (RJ). Considerando a não-convencionalidade da relação entre o carnaval e as práticas educativas das/nas escolas, esta produção parte da concepção do carnaval enquanto evento formativo e apresenta alguns resultados da pesquisa com uma escola pública municipal que adotou como eixo estruturante de seu projeto político-pedagógico a participação da unidade escolar no desfile de escolas de samba mirins. Para tal, a primeira parte deste texto se dedica ao diálogo acerca do “carnaval que educa”, em especial, partindo da história das escolas de samba mirins. A segunda parte trata dos entraves socialmente tecidos que desqualificam o carnaval enquanto conhecimento possível nas escolas. A terceira parte apresenta a experiência de uma escola do ensino fundamental que, durante 2019, teve suas práticas orientadas pela organização da participação no desfile das escolas de samba mirins. Como caminho metodológico, optamos pela pesquisa narrativa e pela cartografia social. Como conclusões da pesquisa, destacamos as muitas possibilidades pedagógicas nas redes tecidas do carnaval com as escolas e destacamos entre elas, o desenvolvimento da autonomia e da escuta das vozes dos estudantes em seus anseios e motivações.

Palavras-chave: Carnaval. Escolas. Narrativas. Formação.

Introdução

Para começar nosso desfile, apresentamos o movimento que nomearemos como *pedagogia do carnaval*. Trata-se de uma alternativa capaz de mostrar como as redes são tecidas pelo carnaval *dentrofora* das escolas, com estudantes, professores, gestores, funcionários e famílias. Acreditamos que o carnaval é um movimento educativo com importância histórica, organização e fomento à cultura.

Esta pesquisa se dedicou a investigar a potência das práticas educativas atravessadas pelo carnaval em uma escola do bairro Jardim América (RJ). Buscamos tecer outros olhares sobre os processos educativos, a partir das narrativas que acessamos e das vivências que tivemos nessa escola que adotou como eixo de seu projeto político-pedagógico a participação no desfile de escolas de samba mirins.

Contudo, carnaval e pedagogia não são termos tão facilmente relacionados. Neste momento se torna importante datar e localizar politicamente a administração municipal da cidade do Rio de Janeiro. Esta pesquisa foi desenvolvida durante o ano de 2019. A cidade do era então gerenciada pelo prefeito Marcelo Crivella, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus. As convicções difundidas pela orientação religiosa do prefeito afetaram diretamente sua gestão. No primeiro ano de mandato, o prefeito cortou verbas destinadas ao carnaval, proibiu a realização de ensaios técnicos das escolas de samba e criou impedimentos para a autorização dos blocos de rua. Justificava que o corte de verbas para o carnaval seria investido na educação. Com isso, legitimou uma dicotomia que dificilmente se reverteria entre as práticas do carnaval e as práticas das escolas.

Mas, o que há de tão “deseducativo” no carnaval que o faz lido como uma oposição à prática das escolas? Iniciamos, portanto, um caminhar pelos saberes do carnaval. Essa cartografia foi perpassada por nossas histórias pessoais, pelas histórias dos outros, por movimentos populares, pelas pesquisas já feitas no campo e por tantos outros atravessamentos. Nesse sentido, a cartografia aqui narrada abarca movimentos, relações de poder, afetos, enfrentamentos, lutas, enunciações, práticas de resistência e de liberdade. Essa perspectiva desenha não exatamente mapas, mas traça diagrama de poder, expõe densidades e intensidades. Sobre isso, Deleuze (1988) explica:

O diagrama não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, coextensiva a todo o campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva. É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar. (DELEUZE, 1988, p.44).

Para compor esse diagrama, fizemos usos de diversos materiais narrativos: conversas, narrativas-imagens, experiências, todos os registros que nos foram disponibilizados. Entendemos que as narrativas e as conversas são fontes de conhecimento e fortalecem a pesquisa com as trocas de experiências e as relações que são perpassadas nos cotidianos das escolas e no carnaval.

Apresentamos então, a primeira parte deste trabalho: o carnaval que educa.

O carnaval que educa

O carnaval, segundo Lopes e Simas (2016), é definido como:

o período de festivais ou festas profanas de origem religiosa, registrado em diversas

culturas arcaicas, inclusive africanas. No Brasil, originário do calendário católico, manifesta-se em duplo aspecto: dionisíaco (folia) e apolíneo (espetáculo). Externado essa duplicidade, o samba está presente no carnaval carioca desde antes da criação da primeira escola de samba, instituição que, nascida dos segmentos mais desfavorecidos, acabou por tornar-se, no contexto sócio-histórico da sociedade de consumo, o ponto mais artístico e espetacular da festa carnavalesca no Rio de Janeiro. (LOPES, SIMAS, 2016, p.54)

A concepção recorrente de carnaval nos conduz à ideia de festa profana, afinal, *é pecado, mas no carnaval pode!* Contudo, na busca por outras narrativas, encontramos em Ferreira (2004) a reflexão de que:

a forma “tradicional” de se contar a história da folia no Brasil procura isolar os diferentes formatos das brincadeiras, privilegiando suas peculiaridades. Estruturada na metade do século passado, essa maneira de compreender o Carnaval vem sendo sistematicamente repetida até os dias de hoje. Nossa proposta é romper com esse antigo costume e apresentar uma outra narrativa que enfoca não as diferenças entre cada categoria, mas suas relações, contatos e diálogos. (FERREIRA, 2004, p.12)

Foi cartografando essas outras narrativas que escrevemos nossa concepção do carnaval. Sendo assim, fomos levadas a contar a história das escolas de samba mirins, que compreendemos como complexidades culturais, a partir de quem vive e tece esses percursos, além de seu contexto histórico-social.

A primeira escola de samba-mirim surgiu em 1983 quando Arandi Cardoso, conhecido como o “Careca” do Império Serrano, fundou o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Império do Futuro. O intuito era tornar aquela escola de samba mirim um “berço” para futuros bambas.

Souza (2010) explica que:

as agremiações mirins são identificadas em seu nome oficialmente como Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim e têm em sua estrutura organizacional os mesmos elementos que compõem o segmento das escolas oficiais: carnavalesco, enredo, comissão de carnaval, samba-enredo, diretoria, comissão de frente, alas, alegorias, destaques, mestre-sala e porta-bandeira, intérprete, mestre de bateria, passistas, baianas e componentes que apenas querem brincar e desfilam – os foliões. Fazem festas de apresentação de enredo, têm compositores próprios, realizam escolhas de samba-enredo e – o mais impressionante - desfilam com a mesma quantidade de componentes que as escolas oficiais, mantendo a qualidade harmônica e o entusiasmo, e mostrando que o samba pode fazer muito pelo nosso povo e pela nossa brasilidade. (SOUZA, 2010,p.91)

A primeira entidade que representava as escolas mirins foi instituída somente após quatro anos da fundação da primeira agremiação: a Liga Independente das Escolas de Samba Mirins (LIESM) e, em junho de 2020, foi criada a Associação das Escolas de Samba Mirins do Rio de Janeiro (AESM-Rio).

Com a oficialização dos desfiles e das agremiações, a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA) e a Secretaria Municipal de Turismo (RIOTUR) começaram a apoiar as

atividades desenvolvidas pelas escolas de samba mirins.

Os componentes são crianças e jovens de 5 a 17 anos, que atravessam a Avenida Marquês de Sapucaí, assistidos por seus responsáveis, familiares, amigos e foliões e têm a possibilidade de compartilhar a alegria e as muitas aprendizagens do carnaval.

É importante dizer que essas crianças e jovens também são responsáveis pela construção dos sambas-enredo, participam de ensaios, aprendem percussão, participam de todo o processo da tessitura do desfile. Esses saberes, contudo, não entram nas escolas enquanto repertório que as compõe.

A escola sem enredo

O campo da educação é profundamente marcado pela instituição escolar. As escolas são a principal instituição educacional das sociedades contemporâneas. Com sua dinâmica própria, seus saberes sistematizados e compartimentados, as escolas tecem um *espaçotempo* de formação único e necessário à vida de todo dia.

Tradicionalmente, as práticas educativas desenvolvidas nas escolas têm como objetivo a reprodução do saber histórico e cultural elaborado pela humanidade, visando à preservação do seu acervo social e aos meios de sua autoprodução. Entretanto, o contexto tecnológico inscrito nos mecanismos de articulação do sistema econômico vêm ressignificando esse objetivo, levando as escolas a incorporarem outras demandas. Ao mesmo tempo, os estudantes que adentram seus espaços também mobilizam as práticas educativas, trazendo seus anseios, em especial dos grupos cada vez maiores de crianças e jovens das camadas sociais mais desfavorecidas. Tudo isso inscreve os objetivos da instituição escolar num território de disputa. Brandão (1984) reflete acerca dessa sistematização que busca com tanto rigor regimentar um meio pelo qual a educação se explique e a põe fora do contexto social e cultural que a produz e sem o qual ela não faz sentido:

separando-a por vezes do mundo e de domínios sociais e culturais onde ela concretamente existe, ou, ao contrário, associando-a diretamente a amplas e longínquas “determinações sociais” o pensamento do educador não raro esquece de ver a educação no seu contexto cotidiano, no interior de sua morada: a cultura — o lugar social das ideias, códigos e práticas de produção e reinvenção dos vários nomes, níveis e faces que o saber possui. (BRANDÃO, 1984, p. 11)

Nossa reflexão é que, por mais que a escola seja uma instituição com uma marca incomparável na sociedade, com experiências positivas ou negativas impressas nos estudantes que por ela passaram, há muito tempo diversas outras experiências de ensino e aprendizagem acontecem fora dos muros da escola (VON SIMSON, PARK e FERNANDES, 2007). Essas práticas constroem experiências formativas que, por vezes, de forma “desobediente”, invadem as práticas escolares e as transformam.

A escola com enredo

As narrativas neste trabalho foram tecidas a partir das nossas vivências com o carnaval, das experiências com a escola municipal da pesquisa, das conversas que tivemos na sua tessitura, de abraços e afetos trocados com os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) da pesquisa. Trata-se de um acervo de materiais narrativos e que disponibilizaremos alguns que consideramos relevantes aqui.

Concordamos com Oliveira (2014, p.10) que a aposta *nessas outras escritas permite-nos contribuir para a revalorização das vozes/conhecimentos/práticas sociais daquelas populações historicamente excluídas enquanto sujeitos de culturas e de saberes, ampliando as possibilidades sociais de superação* buscando desinvizilizar esses sujeitos e seus saberes.

Durante a conversa com a diretora da escola municipal, enquanto ela nos narrava seu amor pela arte e os motivos pelos quais sua unidade escolar participava dos desfiles das escolas de samba mirins, nós dissemos que nossa pesquisa trabalhava com a ideia de *pedagogia do carnaval*. Nesse momento, ela parou, nos olhou emocionada e disse que era uma *pedagogia do carnaval* o que ela fazia ali.

A diretora nos contou que quando a escola abraçou o desafio de escrever um samba-enredo para o desfile das escolas de samba mirins, que ninguém da escola conhecia as especificidades desse gênero. *A gente não tinha noção nenhuma de como fazer um samba-enredo*. Disse que pensava no tema, pedia ajuda da coordenadora, escreviam algumas coisas e enviavam para o concurso. E o samba não era selecionado para participar. Até que ela começou a se perguntar o porquê deles não conseguirem fazer parte da seleção dos sambas. Decidiu levar o processo para as crianças, afinal, o desfile era delas. Começou, então, a reunir suas escritas, estudar o processo de construção de um samba-enredo, conversar com compositores de escolas de samba.

Então, em 2019, a escola construiu coletivamente o samba. O processo coletivo uniu a escola, fomentou o estudo, a escrita e o processo criativo. Nasceram ali compositores. A escola participou da escolha e ganhou o concurso pela primeira vez.

Defendemos que essa narrativa se enreda à reflexão, sendo fonte potente de pesquisa, possibilitando vivências a partir das trocas de experiências das relações construídas nos cotidianos e das parcerias estabelecidas no *dentrofora* das escolas, contribuindo para a compreensão de que os *praticantespensantes* do carnaval tecem cotidianamente saberes tão legítimos e potentes quanto quaisquer outros.

Compreendido como estética de liberdade e subversão, o gosto pelo carnaval é invisibilizado nas instituições educativas. Então, quando a escola assume o carnaval como prática pedagógica, assume também uma luta cotidiana, em especial, nesses tempos em que a educação tem sido divulgada, inclusive pelas instâncias governamentais, como lugar de controle e proselitismo.

Sim, o carnaval educa. São muitas as possibilidades pedagógicas nas redes tecidas do carnaval com as escolas e destacamos entre elas, o desenvolvimento da autonomia e da escuta das vozes dos estudantes em seus anseios e motivações.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LOPES, N.,SIMAS, L. A. **Dicionário da História Social do Samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SOUZA, Maximiliano. **Educação patrimonial e educação integral**: experiência metodológica através da Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP , Mestrado em Educação - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Brasil. Ano de Obtenção: 2010.

VON SIMSON, Olga R. de M.; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. **Educação não formal: um conceito em movimento**. In: Rumos Educação Cultural e Arte (org). Visões singulares, conversas plurais. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

_____. **Narrativas docentes e currículos pensadospraticados: pesquisar, escrever e compreender práticas cotidianas**. Endipe, EdUECE- Livro 1 02873, 2014.